

O GLOBO
14 JUL 1991

Um mundo só

JOÃO PINHEIRO NETO

O Banco Central já pagou US\$ 875,3 milhões aos bancos credores, em cumprimento ao acordo dos juros atrasados da dívida externa. Até o final do ano, o Governo brasileiro deverá desembolsar pouco mais de US\$ 1,1 bilhão, divididos em sete parcelas, ainda conforme o acordo fechado pela equipe econômica anterior e o comitê assessor de bancos.

Foi bom, indispensável e oportuno o acordo preliminar da dívida externa, devidamente sacramentado pelo Senado Federal. Exorcizados do infantilismo radical de insana moratória, caímos na real e depois de razoável pausa para meditação embicamos no rumo certo. Com o degelo soviético, com a implosão da burocracia tirânica da pequenina Albânia, derradeiro reduto de opacidade ideológica, nunca, em tempo algum, a aldeia foi tão global e o Mundo, a despeito das cargas étnicas e religiosas, fronteiriças do fanatismo, se apresenta às portas do século que nasce com a obsessão da unidade e da busca conjunta de idênticas saídas para as eternas mazelas que atormentam o ser humano.

No caso específico do Brasil, não custa uma olhada no passado com vistas ao enterro das últimas quimeras na esperança, sem limites, de que exumada a ossada mais do que centenária possamos, sem cacoetes mentais, sem preconceitos, derrubar muros de Berlim de mentes e ingênuos corações na busca da racionalidade tantas vezes perdida.

Editada pelo centro gráfico do Se-

nado Federal, a História Financeira e Orçamentária do Império no Brasil, de Liberato Carreira, 1980, merece alguma reflexão. "Pela demonstração da receita da despesa e mais serviços financeiros do ano de 1823, apurou-se um déficit de 900:000\$000. A distribuição das despesas não se fazia nessa época por ministérios. Com exceção da Marinha e do Exército todas as demais despesas se faziam pelo Tesouro." O rombo nas contas públicas detectado quando ainda no berçário fidalgo se encontrava a periclitante nacionalidade foi de pronto socorrido através do decreto imperial de 5 de janeiro de 1824, com a rubrica de S.M. o Imperador, e o "cumpra-se e registre-se" de Maria-nó José Pereira da Fonseca. Tratava-se de empalmar na praça de Londres, mais precisamente junto à firma Thomas Wilson & Comp. £ 3.000.000, consignado e hipotecando para pagamento de juros e principal do empréstimo e renda de todas as alfândegas do Brasil. E lá se foram os audazes pioneiros negociadores da dívida externa, ontem, como hoje, e esperamos, nunca mais, entoar a melancólica ladainha dos empréstimos impagáveis, a não ser que um se some a outro na penosa escavação do buraco negro fundo de mais de três séculos. No dia 20 de agosto de 1824, em Londres, Felisberto Caldeira Brant, do Conselho de S.M. Imperial, marechal de campo do Exército nacional e Imperial e o cavalheiro plenipotenciário Manoel Rodrigues, Gameiro Pessoa, também do Conselho de S.M. cortaram a fitinha símbolo das nossas aflições inaugurando o primado do endividamento externo, com todas as seqüelas de submis-

são, má aplicação de recursos e comissões espúrias. Não há necessidade de despertar de sua sesta genial Sigmund Freud para explicar o masoquismo que nos faz cativos do endividamento. Basta umas páginas a mais de leitura da obra editada pelo Senado Federal. Vale a pena.

O momento, infelizmente, não é muito favorável. No entanto, gigantesco esforço deve ser feito, não apenas pela ação patriótica do Governo, mas por toda a sociedade para liquidar a idéia dos empréstimos externos sufocantes que, contraídos, devem ser pagos mesmo, a um preço alto.

Bem sabemos que os temíveis pacotes de cada dia, que a retórica obtusa de avelhantados ideólogos com catarata cívica, pregadores de estúpido nacionalismo caolho entrando pela contramão bordaram uma Constituição casuística, emaranhada de burrices xenófobas que fizeram com que no ano passado (apenas um exemplo) o Brasil recebesse mingua-dos US\$ 688 milhões. Só 5,3% dos investimentos canalizados para a América Latina (US\$ 13,4 bilhões). O México arrancou dos seus "gringos" sozinhos 63% (Fonte, Internacional Report, NY.). Não há outra saída se não compor-se com sistema financeiro internacional, com vistas à captação, no maior volume possível, de capital de risco. Novas indústrias, mais empregos, tecnologia, com a informática liberta do galinheiro interiorano. Plena consciência de que o Mundo é um só. Gritos e sussurros, por enquanto, ainda resta no fundo do Caribe, solitário barbudo disposto a ouvi-los. Ouvi-los, e nada mais.